

Um dos maiores artistas do século XX, o intelectual marxista era detestado pela burguesia. Para muitos, a sua morte foi resultado de uma conspiração política.



PASOLINI: 40 anos da morte misteriosa de um visionário

Quem foi Pier Paolo Pasolini?

Avançado para a sua época, o poeta, romancista e cineasta, morto de forma violenta na praia de Ostia, perto de Roma, foi relembrado no dia 2 de novembro em Paris por ocasião dos 40 anos de sua morte. Na última entrevista, dada na véspera de morrer ao jornalista Furio Colombo, do jornal *La Stampa*, ele constatava: “Estamos todos em perigo”.

Um dos maiores artistas do século XX, o intelectual marxista comprometido era detestado pela sociedade burguesa. Para muitos, a sua morte foi o resultado de uma conspiração mafiosa ou política para calar o incómodo crítico da política italiana, sobretudo na coluna *Escritos corsários*, publicada no *Corriere della Sera*, nos dois últimos anos de vida. A Democracia Cristã, severamente criticada por Pasolini por alimentar o clima de tensão da Itália dos «anos de chumbo», viu, três anos depois, o seu líder Aldo Moro ser sequestrado e morto pelas Brigadas Vermelhas.

O intelectual era a consciência crítica de uma sociedade profundamente dividida politicamente. Apaixonado pelo Cristo dos pobres, que levou às telas no que é considerado o mais belo perfil de Jesus de Nazaré (*O Evangelho segundo São Mateus*), o poeta foi lembrado num encontro de intelectuais e artistas em Paris, no Théâtre du Rond-Point, no dia exato dos 40 anos da sua morte.

O seu assassinato, em 1 de novembro de 1975, na praia de Ostia, perto de Roma, permanece até hoje um mistério. Os seus inimigos preferiram acatar (ou fabricar?) a tese de crime sexual, atribuindo à homossexualidade de Pasolini a responsabilidade da sua morte.

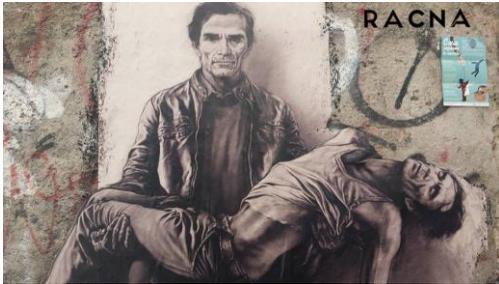
Na madrugada do dia 2 de novembro de 1975, Pasolini tinha apenas 53 anos e acabara de fazer o filme “Saló ou os 120 dias de Sodoma”, baseado num texto do Marquês de Sade. Ao ver-se sozinho no seu carro num suposto encontro homossexual foi espancado até morrer. O seu próprio carro foi usado para passar por cima do seu corpo.

Pietà de Ernest Pignon-Ernest

A cerimónia foi uma iniciativa do artista plástico ERNEST PIGNON-ERNEST, comunista como o italiano, e teve a presença de Claudia Cardinale, Alfredo Arias, Adriana Asti, Michel Fau, Françoise Fabian, entre muitos outros. Ernest Pignon-Ernest fez um belíssimo retrato do artista como uma Pietà e lembrou que a representação do inferno para Pasolini poderia ser o capitalismo consumista desumanizador e destruidor de laços de fraternidade, que ele pressentiu.

Biógrafo e tradutor de Pasolini, René de Ceccatty ressaltou num artigo que o intelectual era intransigente na política e detestava a corrupção e o oportunismo. Ceccatty pergunta se a sua morte não teria sido uma resposta dos serviços secretos italianos a um artista que chocava e incomodava, como os profetas do

Antigo Testamento perturbavam os poderosos com a sua pregação radical. Como um profeta, Pasolini previu o terror no qual o país iria mergulhar.



Ele lembra que Pasolini escreveu um romance, *Petróleo*, publicado depois da sua morte, no qual conta a corrupção na ENI, a empresa de petróleo estatal de Itália. Em 1962, o presidente da ENI, Enrico Mattei, tinha morrido num misterioso acidente de avião causado, provavelmente, por ter quebrado o monopólio das Sete

Irmãs, as companhias de petróleo multinacionais que davam as cartas no Médio Oriente.

Sociedade doente que mata os seus poetas

Pasolini incomodava com a sua lucidez e a sua coragem de pôr o dedo na ferida de uma sociedade italiana hipócrita e corrupta. Ele denunciou a corrupção da Democracia cristã, descreveu a ascensão vertiginosa do neocapitalismo triunfante que vemos hoje em dia totalmente vitorioso no Ocidente; previu a ascensão de um tipo de político ligado a negócios milionários, como Berlusconi. E foi um dos primeiros a denunciar a uniformização, e conseqüente destruição, das culturas nacionais e locais no processo a que hoje chamamos mundialização.

No enterro, o seu grande amigo, o escritor Alberto Moravia, sugeriu um crime político: «Uma sociedade que mata os seus poetas é uma sociedade doente.»

O seu último filme, *Saló*, só foi lançado depois da sua morte. O filme provocou a ira dos espetadores ao pôr em cena cruamente histórias do Marquês de Sade adaptadas ao contexto da República fascista de Saló, controlada pelos nazistas. Nela, fascistas sequestram 16 jovens e aprisionam-nos numa mansão onde são usados como fonte de prazer e sadismo. Considerado o artista mais escandaloso da Itália do pós-guerra, Pasolini teve de responder a mais de 20 processos.

Apontado como autor da morte do poeta, Giuseppe Pelosi foi condenado em 1976 à pena de nove anos de prisão, mas muitas dúvidas a respeito da autoria única do crime permanecem até hoje. Uma das hipóteses é que o crime teria tido motivações políticas e foi cometido por membros do movimento neofascista italiano. Numa entrevista à televisão italiana em 2005, Pelosi afirmou que fora coagido a confessar e que outras pessoas teriam assassinado Pier Paolo Pasolini.

No cinema, os clássicos da literatura universal

O ecletismo de Pasolini levou-o a visitar no cinema clássicos de diversas culturas: filmou *As mil e uma noites*, *Édipo Rei* e *Medeia*, mas também se interessou pelo

escritor e poeta inglês do século XIV, Geoffrey Chaucer, de quem adaptou *Os contos de Canterbury*. Do poeta italiano Bocaccio, também do século XIV, adaptou para o cinema o *Decameron*.

O leitor de Antonio Gramsci, poeta e teórico do marxismo morto nas prisões do fascismo, a quem dedicou o seu livro de poemas *As cinzas de Gramsci*, também fez incursões pelo Novo Testamento. O Jesus do seu filme *O Evangelho segundo Mateus*, de 1964, é um líder revolucionário, um perfeito precursor do Jesus Cristo libertador dos teólogos da Libertação. Sem acrescentar uma vírgula ao texto original de Mateus, Pasolini reconciliou nessa obra-prima o cristianismo e o marxismo e fez um dos mais belos filmes do cinema italiano. É, sem dúvida, a mais despojada e fiel adaptação do Evangelho.

No seu último filme, *Saló ou os Cento e vinte dias de Sodoma*, o sexo não é um instrumento de libertação como na trilogia que o precede (*Decameron*, *Contos de Canterbury* e *As mil e uma noites*). Ele é servidão. Ambientado na república fascista de Saló, o filme mistura pornografia e tortura na reconstituição da obra do Marquês de Sade. O caráter escatológico do filme contribuiu para aumentar o ódio dos cristãos integristas por Pasolini, que sempre abordou a religião com uma visão pessoal e libertária e nunca dissimulou a sua homossexualidade.

Uma amiga do cineasta, a atriz Adriana Asti, observou que «tudo o que ele temia aconteceu: a globalização, o reinado da televisão, o consumismo». O seu último livro, *Petróleo*, descreve, profeticamente, atentados terroristas em estações de comboio. Cinco anos depois da sua morte, o primeiro atentado terrorista neofascista, na estação de Bolonha, matou 85 pessoas.

Um dos diretores italianos mais marcados por Pasolini, Marco Tullio Giordana, realizou, em 1995, um admirável filme sobre a morte do cineasta, chamado *Pasolini, un delitto italiano*. O filme mostra a complexidade do processo, que nunca chegou aos verdadeiros assassinos, contentando-se com a prisão de um jovem de 17 anos que confessou o crime e, anos depois, declarou haver mentido sob pressão dos verdadeiros autores do assassinato.

O mais festejado filme de Giordana, que conta a história dos últimos 40 anos do século XX em Itália, chama-se *La meglio gioventù*, o nome do primeiro livro de poemas de Pasolini. Não é uma coincidência mas uma homenagem de um fã incondicional.

Outro fã, o cineasta Abel Ferrara, que pensa como muitos que Pasolini foi o «último grande intelectual italiano», realizou recentemente um filme no qual o ator Willem Dafoe vive o poeta no seu último dia de vida.

Leneide Duarte-Plon. Jornalista

<http://cartamaior.com.br/?Editoria/Cultura/Pasolini-40-anos-da-morte-misteriosa-de-um-visionario-39/34928>

a história secreta do Jesus de Pasolini

O intelectual de Friuli, na Itália, morreu há quarenta anos, no dia 2 de novembro. Queremos recordá-lo voltando a uma das suas obras mais significativas: **O EVANGELHO SEGUNDO SÃO MATEUS** que, recentemente, o jornal *L'Osservatore Romano* definiu como "**talvez a melhor obra sobre Jesus na história do cinema**". Mas poucos sabem como o filme amadureceu na mente do realizador, e poucos conhecem, também, a série de obstáculos que ele teve que vencer para vir à luz do dia. Sem a mediação de um sacerdote, provavelmente, nunca teria chegado às salas de cinema...

A reportagem é de **ENZO NATTA**, e vem publicada no nº 7 da revista *Vita Pastorale*, de 2014.



Por ocasião do quinquagésimo aniversário da realização de **O Evangelho Segundo São Mateus** de Pier Paolo Pasolini, em Matera, na Itália, foi realizada um festival com o objectivo de reconstituir a história e os lugares do Evangelho, através de uma narrativa audiovisual, tornada possível graças à montagem criativa de documentos, clipes de filmes, fotografias, pinturas, desenhos, entrevistas e materiais diversos.

O nascimento de **O Evangelho Segundo São Mateus** teve, a precedê-lo, uma história incomum, totalmente original. Normalmente, um filme tem a sua origem no financiamento produtivo que coroa e completa a elaboração de um projeto. No caso do Evangelho pasoliniano, no entanto, tratou-se de uma corrida de obstáculos, na qual foi necessário resolver uma série contínua de dificuldades, driblar desconfiças, umas a seguir às outras, contornar perplexidades, e esclarecer infinitas dúvidas. Um percurso de guerra, que começou com um dos habituais itinerários errantes de Pasolini.

Numa dessas fugas, sabe-se lá como, sabe-se lá porquê, um dia, Pasolini chegou a Assis, quase sem perceber como. À força de vagabundear, no dia 2 de outubro de 1962, deu por si nas vizinhanças da cidadezinha da Úmbria e, então, lembrou-se que, cerca de um mês antes, havia recebido um convite para participar num congresso de cineastas convocado pela Pro Civitate Christiana. Debaxo do espírito daquele diálogo que antecipava a linha de fundo que caracterizaria o Concílio Ecuménico Vaticano II, a

organização fundada pelo Pe. Giovanni Rossi costumava promover encontros com homens da cultura, intelectuais, empresários. Pasolini tinha respondido àquele convite com alguma irritação: "Não suporto os fariseus, que usam a religião para os seus próprios interesses. Se me deslocar aí, será, apenas, quando o congresso já estiver encerrado".

Ora, aqui se encontrava ele, precisamente, em Assis, e sem ter de quebrar a sua promessa. Mas, havia um pormenor que não previra: naquele dia, a proverbial paz de Assis tinha sido posta à prova pela presença de João XXIII. Um acaso? Uma fatalidade o facto de o escritor, também, se encontrar por aquelas bandas?

De início, Pasolini sentiu vontade de se misturar com a multidão e de ver o papa de perto, mas caiu logo na conta de que a sua presença constituiria uma distração para muitas pessoas, e que o acusariam de andar à procura de publicidade fácil. Então retirou-se para a Cidadela da Pro Civitate, alugou um quarto e deitou-se na cama.

"Instintivamente, pusei a mão na mesa de cabeceira, peguei no livro dos quatro Evangelhos que ali se encontrava, e comecei a ler desde o início, isto é, a partir do primeiro dos Evangelhos, o de São Mateus. A ideia de um filme sobre os Evangelhos já me tinha vindo, outras vezes, à cabeça, mas o meu filme nasceu ali, naquele dia, naquelas horas. Só havia uma pessoa, portanto, a quem eu podia dedicar aquele filme: o papa João XXIII", contou Pasolini mais tarde.

Portanto, foi lá, no espaço acolhedor da Cidadela, e naquele silêncio absoluto, que, para passar o tempo, num gesto mecânico, o escritor estendeu as suas mãos e pegou no Evangelho.

O encontro com as páginas de Mateus deixou marcas no cineasta, pois Pasolini voltou à Cidadela por várias vezes. A ideia de um filme inspirado no texto evangélico de Mateus estava, plenamente, amadurecida nele e, já convencido da sua opção, falou sobre o assunto com o fundador da Pro Civitate, o Pe. Giovanni Rossi, que, por sua vez, encarregou uma pessoa de confiança para acompanhar o projeto.

A pessoa de confiança era Lucio Caruso, jovem voluntário da Pro Civitate, de Nápoles, médico cirurgião que, nos anos seguintes, passaria uma longa temporada em África, sempre disponível para prestar a sua colaboração desinteressada em zonas devastadas por guerras e epidemias.

Pasolini estabeleceu com Lucio Caruso uma abundante correspondência. Numa carta de fevereiro de 1963, evocava o dia em que se tinha hospedado na Cidadela, brincando com o fato de ter encontrado uma cópia do Evangelho sobre a mesa de cabeceira. Uma espécie de armadilha, "um delicioso-diabólico cálculo da vossa parte", ironizava o poeta, embora sabendo que, em todos os quartos, havia um exemplar do Evangelho.

Mas logo depois acrescentava: "Devido a vocês, naquele dia, li tudo duma assentada, como se fosse um romance. E, na exaltação da leitura, surgiu-me, entre outras coisas, a ideia de fazer um filme sobre o tema. Uma ideia que, a princípio, me pareceu utópica e estéril. Mas não...".

Passaram-se cerca de três meses. Pasolini, agora, tinha bem clara a ideia do filme, e falou sobre o assunto com Alfredo Bini, o seu produtor. Bini era um homem culto,

inteligente, que gostava de correr riscos e que, precisamente por isso, aceitou o desafio, embora sabendo das dificuldades que um projeto como aquele iria encontrar pela frente. Um risco financeiro, mas sobretudo político e religioso. Porque, querendo ou não, Pasolini foi arrastado várias vezes para os tribunais, por o seu nome ser sinónimo de "escândalo", e por ser um marxista declarado. Como iria reagir a Igreja?

Pasolini estava bem consciente do problema, e recorreu, de novo, a Lucio Caruso. A partir de fevereiro de 1963, as visitas de Pasolini à Cidadela tornam-se mais frequentes. Em maio, dirige-se, directamente, ao Pe. Giovanni Rossi, anunciando-lhe uma visita sua no fim de semana. Com o roteiro do filme já recém-terminado. O encontro termina com o projeto de uma viagem à Terra Santa.

Acompanhado por Lucio Caruso e pelo Pe. Andrea Carraro, um sacerdote da Pro Civitate, experiente biblista, entre os dias 27 de junho e 11 de julho de 1963, Pasolini visitou aquela parte da Palestina que foi testemunha das vicissitudes terrenas de Jesus Cristo. Dessa visita resultou um documentário, em que as notas do diário se entrelaçam com o olhar da alma: "Itinerários evangélicos na Palestina".

De volta à Itália, o filme começa a ganhar forma. Mas, como se esperava, surgem novos problemas, a tornar mais difícil ainda o caminho. Não problemas financeiros, porque Alfredo Bini encontrou um coprodutor francês, e porque a seção de Crédito Cinematográfico do BNL, não tem nenhuma dificuldade em abrir os cordões à bolsa, face a uma proposta deste tipo, mas obstáculos que alguns não hesitam em definir como diplomáticos, se não mesmo como "oportunismo político".

Por outras palavras, sem um sim do Vaticano, nem um ministro socialista (na Via della Ferratella, sede do Ministério de Turismo e do Espetáculo, estava prestes a tomar posse Achille Corona, signatário da lei que ainda hoje governa a área cinematográfica, na Itália), estava metido num grande sarilho.

O problema a resolver é encontrar o terceiro lado do triângulo. O primeiro é o projeto do filme (um Evangelho secular, concebido segundo a estética e a poética de um autor difícil e discutido, como Pier Paolo Pasolini, bem consciente de que muitas pessoas que o desprezam e o detestam, tudo fariam para obstaculizar os seus propósitos); o segundo é o patrocinador que o apoia e promove (a Pro Civitate do Pe. Giovanni Rossi, um santo homem, mas talvez excessivamente confiante na bondade fundamental da natureza humana). Faltava, pois, o terceiro lado do triângulo: o mediador institucional entre a Pro Civitate e a Santa Sé.

Em suma, a figura de um fiador que garantisse a plena ortodoxia da operação, assumindo toda a responsabilidade. É aqui que entra em cena o homem certo que ocupa o lugar certo. O homem providencial, neste caso, é o Pe. Francesco Angelicchio.

Três anos antes, em 1960, o Pe. Angelicchio tinha sido nomeado, directamente, pelo Papa João XXIII, consultor eclesástico do Centro Católico Cinematográfico. O Pe. Angelicchio era o que se chama um homem de ação. Se assim não fosse, não teria ido à guerra envergando o uniforme dos paraquedistas da Brigada Folgore e, depois, não teria participado, ativamente, na Resistência.

Ordenado sacerdote aos trinta e quatro anos, em 1955 tinha deixado para trás a atividade forense que, como advogado especialista em direito cinematográfico, o

levava a ocupar o cargo de secretário-geral da Acec (a Associação dos Cinemas Paroquiais, naquela altura com mais de cinco mil salas distribuídas por toda a Itália), um cargo de responsabilidade, que lhe permitira dar provas de um caráter firme e forte.

Em poucos anos, o Pe. Angelicchio tinha conseguido transformar a presença dos católicos no cinema: de puro momento defensivo passou a momento de medição crítica, a participação cultural, mas também a momento de encontro e diálogo, não apenas com as categorias profissionais, mas também com o mundo secular. O Centro Católico Cinematográfico era, portanto, a instituição natural que podia servir de ponte entre um movimento eclesial, como a Pro Civitate Christiana, e a Santa Sé.

Se o Centro Católico Cinematográfico tivesse expressado, imediatamente, um parecer negativo sobre o projeto, muito provavelmente, o filme nunca teria sido feito. O caminho foi aplainado por aquele rolo compressor que era o Pe. Francesco Angelicchio, que várias vezes foi à Secretaria de Estado para defender a causa do filme, e que iniciou uma numerosa correspondência em que rebatia, palavra por palavra, todas as perplexidades que, de vez em quando, lhe surgiam pela frente.

Foi a altura de o escritor-realizador lhe propor que assumisse o cargo de consultor religioso, mas o Pe. Angelicchio rejeitou a oferta, justificando-se com o fato de não ser um biblista e, também, por não poder revestir ao mesmo tempo o papel de controlador e de controlado.

Por outras palavras, como responsável pela comissão de revisão do Centro Católico Cinematográfico (que avaliava os filmes e, conseqüentemente, os classificava com a dupla intenção de informar os fiéis, e de indicar os filmes que podiam ser apresentados nas salas paroquiais), ele não podia julgar o seu próprio desempenho. No entanto, o Pe. Angelicchio e Pasolini continuaram a escutar-se um ao outro, a trocar correspondência entre si, a encontrar-se, com frequência, para debater questões.

Terminadas as filmagens do Evangelho Segundo São Mateus, o Pe. Francesco chamou a atenção para o facto de terem sido ignorados os milagres de Jesus Cristo, a começar pelo maior: a ressurreição. Como resposta, Pasolini voltou ao set, e filmou as cenas que faltavam. E assim, se chegou à apresentação do filme na edição de 1964 do Festival de Veneza, seguida por uma autêntica recolha de louros, entre os quais há a destacar o Grande Prémio do Júri, e o reconhecimento da crítica internacional e do OCIC (Office Catholique International du Cinéma).

O carimbo final de matriz católica chegou, poucas semanas mais tarde, quando – sempre na sede da Cidadela – um júri internacional, representando os cinco continentes, e presidido por um bispo (o peruano Lucien M. Metzinger), atribuiu ao Evangelho Segundo São Mateus o Grande Prémio OCIC, que lhe conferia o título de melhor filme do ano, com base numa seleção de candidatos que, nos vários festivais internacionais, tinham sido agraciados com o Prémio OCIC. O melhor dos melhores, portanto, a partir de uma lista de filmes que "por inspiração e qualidade, contribuem para o progresso espiritual e o desenvolvimento dos valores humanos".

Índice da Folha Dominical Ano Pastoral de 2014 - 2015

1886 – CADA UM TEM O SEU TEMPO, DEPOIS ENTRA NO SILÊNCIO!, Leonardo Boff / O TEMPO, Porfírio Silva / NÓS, OS CORRUPTOS, VAMOS À MISSA, José María Castillo / MORREU O POETA, FICOU A POESIA, Manuel Pinto / FLSAH CONCILIAR 53: QUANTAS FONTES, UMA OU DUAS?, Fesquet

1887 – A PORÇÃO FEMININA DE DEUS, Leonardo Boff / A MULHER DE JESUS, Anselmo Borges / DESFAZER ALGUNS MITOS DA MATERNIDADE, Ana Cássia Rebelo / FEMININO, Maria Teresa Horta / A RELIGIÃO DE JESUS. COMENTÁRIO AO EVANGELHO DIÁRIO CICLO B (2014-2015)

1888 – MARANATHA!, José Arregi / A UMAS FLORES AMARELAS, A. M. Pires Cabral / A NOVA NORMA SOBRE A APOSENTAÇÃO EPISCOPAL QUE AFECTA BERTONE, Gian Guido Vecchi / O ADEUS DE BERTONE AO PALÁCIO DA CÚRIA – VIVERÁ NO MEGA-ÁTICO, Paolo Rodari / O PAPA MANDA INSTALAR CHUVEIROS PARA OS SEM-ABRIGO POR DEBAIXO DA COLUNATA DE SÃO PEDRO, Andrea Torielli / A IGREJA É A MINHA CASA, D. Manuel Martins

1889 – HINO DE AMOR, João de Deus / NÃO SERÁ POSSÍVEL UM NATAL DIFERENTE?!, Luiz Augusto Passos / **Natal 2014**, D. Pedro Casaldáliga

1890 – A FAMÍLIA ENTRE UTOPIA E REALIDADE: UMA REFLEXÃO TEOLÓGICA, Leonardo Boff / PARA UMA FAMÍLIA SER FELIZ, Miguel Esteves Cardoso / “JÁ NÃO SÃO ESCRAVOS MAS IRMÃOS”, Manuela Silva

1891 – JÁ NÃO ESCRAVOS, MAS IRMÃOS, *Mensagem do Papa para a celebração do 48º Dia Mundial da Paz, 1 jan 2015*

1892 – “NÃO ESPERAVA ASSISTIR A UMA MUDANÇA RADICAL NA IGREJA”, entrevista de Markus Grill a Hans Kung

1893 – A MENSAGEM DA MISERICÓRDIA (artigo baseado na palestra do cardeal Walter Kasper, revista *America* / EM NOME DOS QUE CHORAM, José Carlos Ary dos Santos

1894 – O CRIME DE PARIS E OS QUE PUXAM O GATILHO, Fernando Paulouro Neves / CAVALEIROS DO APOCALIPSE, Maria Teresa Horta / DIÁLOGO ENTRE AS RELIGIÕES. A *DOMINUS IESUS* DE NOVO SOB ACUSAÇÃO, Sandro Magister / PARA SE ENTENDER O TERRORISMO CONTRA O CHARLIE HEBDO, Leonardo Boff

1895 – FRANCISCO: FORTE NA DENÚNCIA FRACO NOS REMÉDIOS, Piero Stefani / SERÁ QUE A HISTÓRIA SE REPETE? DE MODO NENHUM, MAS O EVANGELHO DE JESUS É ETERNO, Gianni Gennari / O PAPA ADVERTE SOBRE OS “SACERDOTES CLERICAIS E FUNCIONÁRIOS QUE AFASTAM O POVO DO SENHOR”, Rádio Vaticano / O HOMEM NÃO É MAIS DO QUE A SUA IMAGEM, Milan Kundera

1896 – CARTA DO GAILLOT AO PAPA FRANCISCO, D. Jacques Gaillot / O HOMEM MODERNO PERDEU A FÉ?, D. Jacques Gaillot / DAVOS: TRAVAR AS DESIGUALDADES E O

DESEMPREGO, Manuela Silva / O DISCURSO SOBRE A PAZ, Jacques Prévert / A IGREJA NÃO É, APENAS, O PAPA, Thomas Reese / FLASH CONCILIAR 54: MIHI NON PLACET!, NÃO ACEITO!, Fesquet

1897 – REPRODUZIR-SE COMO COELHOS?, Anselmo Borges / INVENTAR A ALEGRIA, Fernando Paulouro Neves / AS 10 CITAÇÕES PRINCIPAIS DO DOCUMENTO SENSUS FIDEI, do Vaticano, Christine Schenk

1898 – POR QUE É QUE DEUS PERMITE ESTAS COISAS?, José Arregi / “A FRANCISCO, INTERESSA MAIS O EVANGELHO DO QUE A RELIGIÃO”, José María Castillo / MENSAGEM DO 34º CONGRESSO DE TEOLOGIA SOBRE A REFORMA DA IGREJA A PARTIR DA OPÇÃO PELOS POBRES

1899 – O CONCÍLIO VATICANO II E O PODER COMUNICATIVO E EXPERIENCIAL DO RITO COMO “DIÁLOGO” (sobre a constituição *Sacrosanctum concilium*). Entrevista com Ângelo Cardita / A PRIMEIRA MISSA EM ITALIANO CELEBRADA PELO BEATO PAULO VI, *Il Sismógrafo* / O LENÇOL SUJO

1900 – O ISLÃO AINDA ESPERA A SUA REVOLUÇÃO CULTURA. Entrevista com Samir Khalil Samir / AS RELIGIÕES E O TERRORISMO, Leonardo Boff / A VERDADE SOBRE O ISLÃO, SEGUNDO UM JESUÍTA EGÍPCIO, Matteo Matzuzzi / O CARDEAL, Baptista Bastos

1901 – PRIMO LEVI E A CARTA INÉDITA: O HOLOCAUSTO EXPLICADO A UMA MENINA, Monica Perosino / CARTA A MONICA, Primo Levi / O CONTÁGIO DO MAL, Primo Levi / SE EU FOSSE DEUS EM AUSCHWITZ, Jean-Claude Milner / FOI ASSIM QUE, HÁ 70 ANOS, TRÊS MÁRTIRES SALVARAM A HONRA DOS CRISTÃOS, Angelo Paoluzi / DIA DA MEMÓRIA: “EM AUSSCHWITZ, ELES DISSERAM-NOS: IDES DURAR TRÊS MESES”, Rosanna Pugliese Berlino

1902 – PERMANEÇO CRISTÃO, MESMO SE ESCOLHER A FORMA COMO QUERO MORRER, Hans Kung / AS CHAGAS DA HUMANIDADE E OS *BIZANTISMOS* TEOLÓGICOS DOS CRISTÃOS, Andrea Tornielli / COM A TEOLOGIA QUE TEMOS NÃO É POSSÍVEL ACEITAR OS DIREITOS HUMANOS, José María Castillo / NARCISO RODRIGUES

1903 – MAL NENHUM, Pedro Mexia / ÓSCAR ROMERO – MÁRTIR DA AMÉRICA LATINA, José Oscar Beozzo / 35 ANOS DEPOIS DO MARTÍRIO: ROMERO SERÁ BEATIFICADO NO DIA 23 DE MAIO

1904 – AS SETE ÚLTIMAS PALAVRAS DE CRISTO NA CRUZ, Raimon Panikkar / UM NOVO OLHAR SOBRE A PIETÀ DE MICHELANGELO, SÍMBOLO PARA O NOSSO MUNDO, Luc Templier

1905 – PÁSCOA: AS MUITAS TRAVESSIAS, Leonardo Boff / [VIMOS A PEDRA VAZIA NO INTERIOR DA TERRA], Daniel Faria

1906 – O SANTO DOS INCRÉDULOS, Frei Betto / LEITURAS: O MEU DEUS É UM DEUS FERIDO / O MEU DEUS É UM DEUS FERIDO, Tomás Halík

1907 – O OLHAR DA FOLHA DOMINICAL ATENTA AOS RUMORES DA IGREJA E DO MUNDO, NA CONSTRUÇÃO DO REINO! NOS 40 ANOS DA FOLHA DO DOMINICAL / 7 DE ABRIL DO ANO 30: SETE VERDADES SOBRE O HOMEM QUE ABALOU O MUNDO, António Marujo

- 1908** – EU SOU 700, LAMPEDUSA, Xabier Pikaza Ibarrondo / A RESSURREIÇÃO DE CRISTO, UM FACTO HISTÓRICO?, José María Castillo / TRAGÉDIA NA COSTA DA LÍBIA, reportagem *Página/12* / PADRE GASPAR, MORREU HÁ 20 ANOS
- 1909** – ANA VICENTE (1943-2015): MULHER CRENTE EM DEUS PRESENTE NO MUNDO, António Marujo / PERDAS DO MÊS DE ABRIL: Gunter Grass, Eduardo Galeano, Manoel Oliveira, Herberto Helder / NESTE FINAL DE ABRIL
- 1910** – DOCUMENTO “9 DE MAIO” (de 1976) / Em 1976, O GRITO DO IPIRANGA / GOSTARIA QUE NOS AJOELHÁSSEMOS, À ENTRADA DE UM POBRE NA IGREJA, DIZ O PAPA FRANCISCO, Andrea Tornielli / A MORTE NO NEPAL, João de Melo
- 1911** – SIRO LÓPEZ, “UM GRANDE GRITO SILENCIOSO”. ACERCA DE SIRO LÓPEZ / MEMÓRIA DE D. JÚLIO TAVARES REBIMBAS / ENTREVISTA DE SIRO LÓPEZ À REVISTA MALABARA
- 1912** – UM VIAJANTE INCÓGNITO NO CAMINHO DE AMAÚS, Juan Masiá / A SALVAÇÃO É PARA TODOS: QUANDO O APÓSTOLO ACEITOU UMA RELIGIÃO “LAICA”, Salvatore Natoli / SÃO ÓSCAR ROMERO – MÁRTIR DA AMÉRICA LATINA
- 1913** – ÓSCAR ROMERO – MÁRTIR DA AMÉRICA LATINA, Leonardo Boff e José Óscar Beozzo / OS GRITOS, A FÉ E AS LÁGRIMAS DO MÁRTIR ROMERO, Alberto Melloni / “O ‘TIO’ ROMERO? TIVEMOS QUE FINGIR QUE NÃO O CONHECIAMOS. AINDA CHORO AO LEMBRAR-ME”, Domenico Agasso Jr
- 1914** – BENNEDICT, MORTE A SANGUE FRIO, Fernando Paulouro Neves / “ESTÁ A CRIAR-SE UMA NOVA GERAÇÃO DE POBRES”, Andreia Sanches e Pedro Crisóstomo / ESTE PAÍS NÃO É PARA NOVOS, NEM PARA VELHOS, Alberto Pinto Nogueira / MENINA DE 12 ANOS..., Carlos Esperança
- 1915** – PASSEIO DA COMUNIDADE: o Românico de Amarante (13 e 14 de junho)
- 1916** – Leitura: VOLTAR A JESUS. Livro de José Antonio Pagola, *Apresentação*
- 1917** – A CARTA MAGNA DA ECOLOGIA INTEGRAL: GRITO DA TERRA – GRITO DOS POBRES, Leonardo Boff / CUIDAR DA MÃE TERRA, Anselmo Borges
- 1918** – O PAPA E O ESTRUME DO DIABO, Mauro Santayana / Kant em Atenas / Como se destrói um país
- 1919** – PIERRE TEILHARD DE CHARDIN: A SABEDORIA DO TEÓLOGO DA NOOSFERA, Vincens Hubac / LAUDATO SI, VALORIZA INTUIÇÕES DE TEILHARD DE CHARDIN, Marco Roncalli / A MISSA SOBRE O MUNDO (excerto)
- 1920** – O DESCONCERTO DO MUNDO, Pedro Mexia / ESPARSA AO DESCONCERTO DO MUNDO, Camões / A OUTRA “BANALIDADE DO MAL”, Fernando Paulouro Neves / INFÂNCIAS POBRES E POBREZA EM PORTUGAL COMO ESCOLHA POLÍTICA, Pedro Abrantes e outros / HÁ 100 CRIANÇAS A DORMIR NAS RUAS DO PORTO, Pedro Emanuel Santos
- 1921** – A BELEZA SALVARÁ O MUNDO, Luiz Felipe Pondé / DITOSA LÍNGUA, Hélia Correia / DEZ LIVROS PARA FÉRIAS, Carlos Fiolhais
- 1922** – DISCURSO DO PAPA AOS MOVIMENTOS POPULARES
- 1923** – ESTES NÃO SÃO SERES HUMANOS, NOSSOS IRMÃOS E IRMÃS?, Leonardo

Boff / SONETO DE LAMENTAÇÃO, José Barbosa Júnior / ARTISTAS DESENHAM O “NAUFRÁGIO DA HUMANIDADE”, Helena Bento / UMA CRIANÇA É O MUNDO INTEIRO, Juan Cruz / O GAROTO DE CHARLOT NÃO PASSOU DA PRAIA, Ferreira Fernandes

1924 – QUESTÕES POLÉMICAS PRESENTES NO NOVO QUESTIONÁRIO PARA O SÍNODO DE 2015, John L. Allen Jr / O PAPA E OS DIVORCIADOS, Felisberta Lopes / MISERICÓRDIA E FAMÍLIA, José María Castillo / HOMENAGEM NO CENTENÁRIO DO DR. NARCISO RODRIGUES

1925 – AYSLAN KURDI, O PEQUENITO AFOGADO, FAZ-NOS CHORAR E PENSAR, Leonardo Boff / REFUGIADOS DAS NOSSAS GUERRAS E DOS NOSSOS NEGÓCIOS, Andrea Tornielli / “VENCE A INDIFERENÇA E CONQUISTA A PAZ”, tema para a 49ª Jornada Mundial da Paz 2016

1926 – FRANCISCO DE ASSIS EM QUEM O SER HUMANO GANHOU JEITO, Leonardo Boff / SERÁ A HOMOSSEXUALIDADE CONTRÁRIA À BÍBLIA? REFLEXÕES NA PERSPECTIVA DO SÍNODO, Stefan Scholz / UM VIOLINO ENTRE CORNETAS, Fernando Campos

1927 – V CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE SANTA TERESA DE ÁVILA, UMA SANRA [MULHER] APAIXONADA, Rita Romio / SANTA TERESA E AS PROSTITUTAS, José Tolentino Mendonça / TERESA D’ÁVILA, A MODERNIDADE DE UMA MÍSTICA, Julia Kristeva / TERESA DE ÁVILA / FLASH CONCILIAR 55: UMA QUESTÃO DE VIDA OU DE MORTE

1928 – O PAPA FRANCISCO, AMIGO DOS PECADORES. REFLEXÃO DE JOSÉ ANTONIO PAGOLA PERANTE O SÍNODO DA FAMÍLIA / APROXIMA-SE O SÍNODO. É ALTURA DE REPENSARMOS O CASAMENTO EM QUATRO TEMPOS, Juan Masiá Clavel

1929 – “O PAPA PODE ADMITIR À EUCARISTIA OS DIVORCIADOS QUE SE CASEM DE NOVO”, José María Castillo / “QUE OS DIVORCIADOS COMUNGUEM EM PAZ”, José Arregi / O QUE CARLO MARIA MARTINI DIRIA NO SÍNODO, Andrea Grillo / A PARTIR DE UMA IMAGEM DE SANTA TERESA DE ÁVILA, Nuno Júdice

1930 – MORRER É MAIS DIFÍCIL DO QUE PARECE, Paulo Varela Gomes / OS FONSECAS, OS MADUREIRAS E O SENTIDO DA VIDA, Fernando Campos / NÃO CHOREIS OS MORTOS, Pedro Homem de Mello

1931 – PE. LEONEL OLIVEIRA: “LOGO QUE O SOUBE PELO TELEFONE ME LEMBREI...”, Arlindo de Magalhães / CARTA À PARÓQUIA O SENHOR JESUS DO PADRÃO DA LÉGUA (extracto) / NARCISO RODRIGUES: UM PADRE NA FRONTEIRA DO MUNDO E DO REINO, Jorge Teixeira da Cunha / PORQUE, Sophia de Mello Breyner Andresen / HOJE MORREU O PE. LEONEL, José Rui Teixeira / PE. LEONEL OLIVEIRA (1934-2015): TESTEMUNHA DO EVANGELHO, Manuel Pinto

1932 – O BISPO SEGUNDO FRANCISCO. Discurso do Papa Francisco aos Bispos / PAPA LAMENTA PADRES E BISPOS “AGARRADOS AO DINHEIRO” QUE “EM VEZ DE SERVIR” SE SERVEM DA IGREJA, Alessandro Gisotti / QUEM ESCOLHE UM NOVO BISPO?, Luigi Sandri

1933 – E DEUS DESPREZOU A MULHER: ITALIANA RELATA OS BASTIDORES DO SÍNODO NO VATICANO, Lucetta Scaraffia / A RETÓRICA DO PAPA A RESPEITO DAS MULHERES É, INFELIZMENTE, CONSISTENTE, Kelly Stewart